

GLÓRIA A DEUS

João Calvino

Professor: Qual é o principal objetivo da vida humana?

Estudante: É conhecer a Deus

Professor: Porque você diz isto?

Estudante: Porque ele nos criou e nos colocou na terra para ser glorificado em nós. E, certamente, é correto que dediquemos nossa vida à sua glória, já que ele é o princípio dela.

Catecismo de Genebra, 1541.¹

A Crise da Teologia Reformada

Em 1921, Karl Barth deixou um pastorado campesino na Suíça para tornar-se professor de teologia reformada na Universidade de Göttingen, na Alemanha. Uma das primeiras tarefas de Barth foi preparar palestras acerca da teologia dos reformadores. Em junho de 1922, ele escreveu a seu amigo Eduardo Thurneysen sobre suas lutas com Calvino:

Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar este fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno, então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro.

¹ Traduzido em Thomas Torrence, *The School of Faith* (Nova Iorque; Harper and Bros., 1959), pp. 5-6. Outra tradução é dada em Calvin: *Theological Treatises*, ed. J.K.S. Reid (Londres, SCM Press, 1954), pp. 88-139.

Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino.²

Barth não podia deixar Calvino! Lutava com ele dia e noite. “Mais de uma vez o que eu apresentava às 7 horas não estava pronto antes das 3 ou 5 horas”. Em certa ocasião, ele até mesmo desmarcou uma aula porque não estava completamente preparado. Dessas meditações emergiu uma verdadeira renascença no estudo de Calvino (no qual Peter Barth, irmão de Karl, desempenhou papel importante) e uma nova avaliação da pertinência de Calvino para nossos tempos perturbados.

Calvino foi um reformador da segunda geração. Quando nasceu, na França setentrional, em 1509, Lutero já estava dando conferências na Universidade de Erfurt e Zuínglio estava-se ocupando de suas tarefas pastorais em Glarus. Na Inglaterra, no mesmo ano, o Rei Henrique VII morria, assistido em seu leito de morte por seu filho de 18 anos, o robusto e recém-casado “Harry”, que em breve se tornaria o Rei Henrique VIII. No trono papal, em Roma, estava Júlio II, conhecido como o “papa guerreiro”, devido a seu hábito de liderar seus próprios soldados nas batalhas – o que impeliu Erasmo a perguntar se ele não era mais o sucessor de Júlio César do que de Jesus Cristo! Logo ele promulgaria uma indulgência plenária para a reconstrução da Catedral de São Pedro. Quando Calvino tornou-se protestante, no início da década de 30, herdou uma tradição e uma teologia já bem definidas por quase duas décadas de controvérsia.

Quando o evangelho de Lutero veio a público pela primeira vez (digamos, com seus três tratados de 1520), ele estava confiante de que seria bem-sucedido. Logo, acreditava ele, o papado cairia, o imperador convocaria um verdadeiro conselho reformador, os judeus e os turcos seriam convertidos. Cristo retornaria e o diabo seria derrotado para sempre!

² Karl Barth, *Revolutionary Theology in the Making*, trad. Por James D. Smart (Richmont: John Knox Press, 1964), p. 101.

Até o final da década, porém, o otimismo apocalíptico de Lutero chegara perto do desespero. Ele encontrava-se excomungado pelo papa e banido pelo imperador, que estava se preparando para entrar em guerra contra os príncipes protestantes. Os judeus não haviam demonstrado mais interesse pelas tentativas de Lutero de evangeliza-los do que tiveram pelos outros incontáveis esforços através dos séculos. Os turcos, longe de sucumbir ao novo evangelho, lutavam uma jihad santa contra toda a Europa. Já em 1525, eles tinham avançado até os portões de Viena.

Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos.

Era a primavera da esperança; era o inverno do desespero.

Íamos todos direto para o céu; íamos todos direto para o outro lado.³

Assim deve ter parecido a muitos dos cristãos sérios que seguiram o curso dos eventos desde a Dieta de Worms, em 1521(“aqui permanço”), até a Dieta de Speyer (onde o termo protestante foi cunhado), em 1529.

Ainda mais instável que as ameaças externas era o doloroso desenredar interno da Reforma. Muitos dos que se haviam juntado a Lutero em suas primeiras batalhas agora desertavam do “papa de Wittenberg”, como Thomas Müntzer o chamava. Os humanistas tinham feito do nome de Lutero uma palavra familiar, ao imprimir e distribuir suas *Noventa e Cinco Teses* de um extremo a outro da Europa. Entretanto, a maioria deles, como Erasmo, não estava fundamentalmente de acordo com os interesses mais profundos de Lutero. Eles não o seguiriam até o cisma. Os espiritualistas, anabatistas e sacramentalistas, todos estes Lutero apelidou de *Schwärmer*, porque soavam como um confuso enxame de abelhas zumbindo ao redor de uma colméia. O desacordo dos zuinglianos com os luteranos sobre a Eucaristia aumentou, ao invés de diminuir, depois do Colóquio de Marburgo. Todos, claro, recorriam à Bíblia. Kasper Schwenckfeld, um dos reformadores espirituais, observou que, com base na Bíblia, “os papistas

³ Charles Dickens, *A Tale of Two Cities* (Nova Iorque: Merrill and Baker, 1962), p. 1.

amaldiçoam os luteranos, os luteranos amaldiçoam os zuinglianos, os zuinglianos amaldiçoam os anabatistas e os anabatistas amaldiçoam todos os outros”.

Nesse exato momento, com Zuínglio falecido e Erasmo morrendo, com Lutero aquiescente (se não quieto!), a igreja romana ressurgindo, a reforma radical fragmentada, e, logo ainda mais desacreditada pelo espetáculo sangrento de Münster, João Calvino emergia como líder de um novo movimento e reformulador de uma nova teologia.

Karl Holl, famoso estudioso de Lutero, certa vez referiu-se a Calvino como o mais famoso discípulo de Lutero. Os dois reformadores nunca se encontraram pessoalmente. Ainda assim, Lutero elogiou alguns dos primeiros escritos de Calvino que lhe haviam sido enviados. Calvino, por sua vez, chamou Lutero de seu “pai muito respeitável” e posteriormente declarou: “Nós o consideramos um extraordinário apóstolo de Cristo, por meio de cujo trabalho e ministério, acima de tudo, a pureza do evangelho foi restaurada em nossa época”.⁴ Ao contrário de Zuínglio, Calvino nunca declarou ser teologicamente independente de Lutero. Mesmo assim, não foi um simples imitador de Lutero. A grande realização de Calvino foi tomar os conceitos clássicos da Reforma (*sola gratia, sola fide, sola scriptura*) e dar-lhes uma exposição clara e sistemática, que nem Lutero nem Zuínglio jamais fizeram, adaptando-os ao contexto civil de Genebra. Dessa cidade, tais conceitos assumiram vida própria e desenvolveram-se numa nova teologia internacional, estendendo-se da Polônia e da Hungria, no Oriente, para os Países Baixos, a Escócia, a Inglaterra (puritanismo) e, por fim, para a Nova Inglaterra, no Ocidente. Por essa razão, o historiador francês E. G. Leonard intitulou o último capítulo de sua *History of Protestantism* de “Calvino: o Fundador de uma Civilização”.

⁴ CO, 6, col. 250. Para esta citação, sigo a tradução de B. A. Gerrish, “John Calvin on Luther”, in: *Interpreters of Luther*, Jaroslav Pelikan, ed. (Filadélfia: Fortress Press, 1968), p. 79.

O Homem por Trás do Mito

Poucas pessoas na história do cristianismo têm sido tão supremamente estimadas ou tão mesquinhamente desprezadas quanto João Calvino. A maioria dos cristãos, dentre a qual grande parte dos protestantes, conhece apenas dois aspectos a respeito dele: acreditava na predestinação e ordenou que Serveto fosse queimado vivo. Desses dois fatos, ambos verdadeiros, emerge a caricatura usual de Calvino como o grande inquisidor do protestantismo, o tirano cruel de Genebra, uma figura rabugenta, rancorosa e completamente desumana.

Essa imagem distorcida origina-se em parte da própria época de Calvino, na qual não foi de maneira nenhuma universalmente apreciado. Por exemplo, no ano de 1551, quando os cônegos da Catedral de Noyon, cidade natal de Calvino, receberam a notícia da morte do reformador, comemoraram e deram graças a Deus por tirar aquele famoso herege de seu meio. A alegria durou pouco, entretanto, quando descobriram que os boatos acerca de sua morte haviam sido prematuros. Ainda teriam que suportar Calvino por mais treze anos! Em 1577, Jerome Bolsec, ex-protestante que tinha retornado à Igreja Romana, publicou um ataque grosseiro ao caráter de Calvino. Bolsec retratou Calvino não apenas como arrogante e mal humorado, o que de fato ele pode ter sido, mas também como um bêbado, adúltero e homossexual, o que ele com certeza não era. Num óbvio golpe baixo, Bolsec também afirmou que a doença crônica de Calvino era castigo de Deus; o fato de “seu corpo inteiro estar sendo comido por piolhos e vermes” era a punição divina de sua heresia. Os desprezadores modernos de Calvino não foram mais gentis. O liberalismo do século XIX viu Calvino como “o grande fantasma negro, uma pessoa glacial, sombria,

insensível, precipitada. [...] nada nele fala ao coração”.⁵ Para muitos cristãos contemporâneos, Calvino é um esqueleto embaraçoso que preferiam manter cuidadosamente trancado nos arquivos históricos. Contaram-me que, em certa ocasião, um desses herdeiros desencantados da Reforma colocou-se diante da famosa estátua de Calvino em Genebra e começou a atirar ovos naquela aparência severa e com ar de desprezo.

No outro extremo da calvinofobia está a postura igualmente preconceituosa da calvinolatria. Em 1556, o reformador escocês John Knox descreveu a Genebra de Calvino como “a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde a época dos apóstolos”.⁶ Outros chegaram de retratar Calvino não apenas como o maior professor de doutrina cristã desde Paulo, mas também com um guia quase infalível em cada aspecto da diligência humana, desde a arte e a arquitetura até a política e a economia. Sem dúvida, a mais notável tentativa de apresentar um “Calvino sem protuberâncias” é a biografia clássica feita por Emile Doumergue, publica em sete fólhos por volta da virada do século. Doumergue produziu o que certamente permanecerá como o estudo mais completo e detalhado da vida de Calvino já escrito. Mas, a despeito das virtudes desse impressionante trabalho, ele é essencialmente um exercício em hagiografia. O Calvino de Doumergue é bom demais para ser verdadeiro, assim como o Calvino de Bolsec é demoníaco demais para ser humano. Nós não servimos à verdade retratando Calvino como angelicamente bom ou como diabolicamente mau. Ele foi, como Lutero declarou que todos os cristãos são, ao mesmo tempo santo e pecador.

Diferentemente de Lutero, pode-se dizer que Calvino nasceu na igreja. Gérard Cauvin, seu pai, era o assistente administrativo do bispo de

⁵ Citado em Richard Stauffer, *The Humanity of John Calvin*, trad. Por George A. Shriver (Nashville: Abingdon Press, 1971) p. 20. Quanto à natureza espúria das alegações de Bolsec, veja Frank Pfeilschifter, *Das Calvinbild bei Bolsec* (Augsburg: F D L Berlag, 1983), pp. 123-177.

⁶ John McNeil, *The History and Character of Calvinism* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1954), p. 178.

Noyon. Diz-se que sua mãe, Jeanne, filha de um dono de hospedaria, era mulher muito bonita e piedosa. Jeanne Cauvin morreu quando Jean, seu quarto filho, tinha apenas 5 ou 6 anos de idade. Apesar de seu pai ter-se casado logo depois, o jovem Calvino deve ter sentido a falta da mãe de forma muito profunda. Sem dúvida isso contribuiu para seu senso de ansiedade íntima e inquietação.⁷ Apesar disso, Calvino conheceu algo do fervor da vida social a partir de seus contatos com a família aristocrática Montmor, com quem viveu durante vários anos. Ele dedicou seu primeiro livro a um membro dessa família, declarando: “Devo a você tudo o que sou e tenho. [...] Quando menino, fui criado em sua casa e iniciado em meus estudos com você. Portanto, devo à sua nobre família eu primeiro aprendizado na vida e nas letras”.⁸ Embora Calvino certa vez tenha descrito a si mesmo como “meramente um homem dentre o povo”, movia-se com facilidade entre os altos escalões da sociedade. Era um aristocrata de coração, se não de linhagem. Ele nunca esqueceu tal fato acerca de si mesmo, nem deixava que os outros esquecessem disso. Certa vez, nas ruas de Genebra, um refugiado agradecido, mas por demais entusiasmado, chamou-o de “irmão Calvino”, apenas para ser informado de que o título correto era “*Monsieur Calvino*”.

Com a idade de 12 anos, Calvino recebeu um benefício do bispo de Noyon, graças à influência prudente de seu pai. A manutenção de um benefício requeria a entrada nas ordens menores – João tornou-se um clérigo e recebeu a tonsura – e o cumprimento de tarefas eclesiásticas. Na época da Reforma, o sistema de outorgar benefícios a parentes e amigos era um dos abusos mais comuns na igreja. Um sacerdote semi-analfabeto seria

⁷ Esse argumento foi impingido por Suzanne Selinger em seu perspicaz estudo, *Calvin Against Himself* (Hamden, Conn.: Anchon Books, 1984), pp. 85-88. Ela vai longe demais, porém, ao derivar desse evento traumático o suposto preconceito de Calvino contra a sexualidade e sua pretensa frieza em relação à esposa.

⁸ *Calvin's Commentary on Seneca's De Clementia*, eds. Ford L. Battles e André M. Hugo (Leiden: E. J. Brill, 1969), pp. 12-13.

usualmente contratado para cumprir as tarefas reais do ofício (que, no caso de Calvino, envolvia a responsabilidade por um dos altares da catedral) por uma soma insignificante, enquanto o incumbente recebia a maior parte do benefício. De fato, a renda desse benefício era um tipo de bolsa de estudo pela qual o jovem Calvino, já um estudante precoce, foi capaz de continuar seus estudos.

Em agosto de 1523, João Calvino (da forma latinizada de seu nome, Calvinus) chegou a Paris para começar seu aprendizado formal na mais famosa universidade da Europa. No mesmo mês, um monge agostiniano chamado Jean Vallière foi queimado vivo por pertencer ao “partido herético de Lutero”. Ele foi o primeiro mártir da Reforma na França. Não sabemos que impressão esse evento causou em Calvino, então com apenas 14 anos de idade. Doze anos mais tarde, ele recuaria horrorizado ao queimarem vivo seu amigo Etienne de la Forge, um piedoso protestante com quem vivera durante algum tempo. De fato, Calvino publicou a primeira edição de suas *Institutas* em parte, como disse, “para vingar dos imerecidos insultos meus irmãos, cuja morte foi preciosa aos olhos do Senhor”.⁹ Que transformou o jovem e brilhante estudante de Noyon no eloqüente apologista da fé? De 1523 a 1541, quando definitivamente se instalou em Genebra, muitas forças estavam agindo para fazer de Calvino o reformador. Podemos observar sua vida durante esses anos turbulentos sob o aspecto de sua preparação, conversão e vocação.

A Preparação de Calvino

Calvino matriculou-se primeiro no Collège de la Marche, onde aperfeiçoou seu conhecimento de gramática e sintaxe latina. Ali, por algum tempo, estudou com Mathurin Cordier, um dos maiores mestres de latim de

⁹ John Calvin, *Commentary on the Book of Psalms*, trad. Por James Anderson (Edimburgo: Calvin Translation Society, 1845), I, p. xlii.

sua época, cuja *Grammatica Latina* ainda estava em uso no século XIX. Anos depois, Calvino lembrava esse venerável professor e dedicava a ele seu comentário a respeito da 1 Tessalonicenses:

Quando eu era criança e tinha experimentado só os rudimentos do latim, meu pai mandou-me a Paris. Lá, a bondade de Deus deu-me você como preceptor durante algum tempo, para ensinar-me a verdadeira maneira de aprender, a fim de que eu pudesse continuar com maior proveito [...] Fui tão auxiliado por você, que, seja qual for o progresso que eu tenha feito desde então, atribuo-lhe com satisfação.¹⁰

Posteriormente, Cordier foi chamado por Calvino para ensinar latim na academia de Genebra. Ele permaneceu nesse cargo até morrer (mesmo ano de Calvino), aos 85 anos.

Calvino logo transferiu-se para o Collège de Montaigu, famosa escola conhecida pela disciplina severa e pela péssima comida. Erasmo, que ali estudou poucos anos antes de Calvino, queixou-se mais tarde dos ovos estragados que ele era obrigado a comer no refeitório. Os problemas crônicos de Calvino de indigestão e insônia provavelmente derivaram da alimentação severa e de sua tendência de estudar até altas horas da noite em Montaigu. Uma lenda posterior conta que, durante esses anos, seus colegas apelidaram Calvino de “o caso acusativo”. Embora isso não seja verdade, Beza, em sua respeitosa biografia, reconheceu que o jovem erudito era realmente “um rigoroso censor de tudo o que era vicioso em seus companheiros”.¹¹ Enquanto seus colegas estavam brincando nas ruas ou iam a festas desregradadas, Calvino ocupava-se das minúcias da lógica nominalista ou das *quaestiones* da teologia escolástica.

Como era um estudante compulsivo, Calvino saiu-se extremamente bem em seus estudos, mas também adquiriu aversão pelo método escolástico de fazer teologia. Ele estava começando a mover-se nos círculos do humanismo francês e pode ter compartilhado a opinião de Erasmo, que difamou os mestres de Paris chamando-os de “pseudoteólogos

¹⁰ CO 13, cols. 525-526; CNTC, 8, p. 331.

¹¹ *Calvin's Tract and Treatises*, trad. Por Henry Beveridge (Grand Rapids: Eerdmans, 1958), I, p. lx.

[...] cujos cérebros estão podres, cuja linguagem é bárbara, cujo intelecto está entorpecido, cujo ensino é uma cama de espinhos, cujas maneiras são rudes, cujas vidas são hipócritas, cujas conversas estão cheias de veneno e cujos corações são tão negros como a tinta”.¹² Calvino nunca expressou-se dessa maneira, mas descreveu um curso de teologia ministrado a jovens teólogos como “mera sofística, e sofística tão destorcida, revirada, tortuosa e enigmática, que a teologia escolástica poderia muito bem ser descrita como um tipo de magia esotérica. Quanto mais densa e escuridão em que alguém ocultava um assunto e quanto mais enigmaticamente envolvia a si mesmo e aos outros em raciocínios absurdos, maior sua fama como perspicaz e culto”.¹³

Em 1528, Calvino deixou tudo isso para trás quando, por ordem de seu pai, foi de Paris a Orléans para dedicar-se a uma nova disciplina, o estudo de Direito. Gérard Cauvin não gozava mais das boas graças do capítulo da catedral de Noyon e, enfrentando a velhice, também percebeu que seu brilhante filho teria melhores possibilidades de obter maior renda como advogado do que como servo da igreja. De qualquer forma, Calvino concordou com a vontade de seu pai. O contraste com Lutero é surpreendente: Lutero, em desafio ao pai, perdeu uma carreira no Direito para tornar-se monge; Calvino, em obediência ao pai, deixou o estudo da teologia a fim de tornar-se advogado.

Calvino lançou-se entusiasticamente ao estudo de Direito, primeiro em Orléans, depois em Bourges. Logo estava preparado o suficiente para dar palestras e substituir os professores nas aulas quando faltavam, como um tipo de “monitor”. Para Calvino, o estudo de direito teve duas influências importantes em seu trabalho futuro: primeira, providenciou uma base completa nos assuntos práticos que seria de enorme benefício em seus

¹² EE 1, pp. 87-88 (nº 64); CWE1, p. 138.

¹³ *Tracts and Treatises*, I, p. 40.

esforços para dar nova forma às instituições de Genebra; segunda, abriu seus olhos para o mundo da antiguidade clássica e para o estudo de textos antigos. Enquanto estava em Bourges, ele também se dedicou ao estudo do grego, sendo tutelado por Melchior Wolmar, um erudito da Alemanha.

Quando seu pai morreu, em 1531, Calvino sentiu-se livre para deixar o estudo de Direito por sua verdadeira paixão, a literatura clássica. Ele mudou-se de volta para Paris e, em 1532, publicou seu primeiro livro, uma edição do tratado de Sêneca intitulado *Sobre a Clemência*, complementada com um aparato textual e um longo comentário. Era uma obra-prima de erudição, e ele esperava que isso o firmasse como um erudito notável nos círculos humanistas. No prefácio, Calvino achou necessário desculpar-se pelo fato de que, mesmo tendo somente 23 anos, aquele era apenas seu primeiro livro: “Eu preferia não fazer nascer absolutamente nenhuma ‘criança’ a provocar abortos, como muitas vezes acontece”.¹⁴ Comercialmente falando, porém, esse livro foi um fracasso total! Teve apenas uma edição, e o próprio Calvino teve de pagá-la. No entanto, foi uma tentativa impressionante, que abriu caminho para seus amplos trabalhos literários.

A Conversão de Calvino

A transição de Calvino de humanista a reformador foi marcada pelo que ele certa vez escreveu como uma “conversão súbita” (*conversio subita*). Contudo, tem sido notoriamente difícil para os estudiosos de Calvino concordar acerca de uma data provável para essa mudança. As suposições vão de 1527 a 1534. Há diversos motivos para essa dificuldade. Em primeiro lugar, Calvino era reticente quanto a si mesmo. Em parte, isso acontecia por causa de sua tendência natural à timidez e à introspecção e, em parte, porque levou a sério a admoestação de Paulo: “Porque não

¹⁴ *Battles and Hugo*, p. 4.

pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor ...” (2 Co 4.5). A glória pertencia a Deus, não a João Calvino.

Além disso, embora a conversão possa ter sido “súbita”, ele preparou-se para ela com um período de lutas, inquietações e dúvidas. Calvino, não menos que Lutero e Zuínglio, teve uma formação católica tradicional e deve ter conhecido a sensação de ansiedade e opressão que caracterizava a cultura da baixa Idade Média. Certa vez, quando ainda bem novo, fez uma peregrinação com sua mãe para a Abadia de Ourscamp, onde foi-lhe permitido beijar uma relíquia sagrada, o dedo de S. Ana. Mais tarde, Calvino apresentou um quadro vívido do tipo de pregação que ele com freqüência deve ter ouvido, com o propósito, ao que parece, de produzir uma espiritualidade de culpa:

Diziam-nos que éramos pecadores miseráveis dependentes da sua misericórdia; a reconciliação viria mediante retidão das obras. O método para obter tua misericórdia era a compensação dos delitos. Então, porque eras juiz rigoroso e vingador severo da iniquidade, mostravam quão terrível tua presença deve ser. Daí, eles nos mandavam buscar refúgio primeiro nos santos, para que por essa intercessão pudesses ser mais facilmente solicitado e propício a nós.¹⁵

Como Calvino teve seu primeiro contato com as idéias evangélicas, isso não podemos ter certeza. Alguns escritos de Lutero foram traduzidos para o francês logo no início da década de 20, e Calvino pode muito bem os ter lido. Ele também tinha íntima ligação com o círculo dos humanistas evangélicos franceses, inspirados pelo grande erudito Jacques Lefèvre d’Etaples. Alguns desses, e até seu futuro colaborador Guillaume Farel, haviam tentado uma reforma experimental da igreja na diocese de Meaux, perto de Paris, até serem impedidos pelas forças mais poderosas da ortodoxia. Beza e Colladon, os primeiros biógrafos de Calvino, atribuíram um papel significativo em sua conversão a seu primo Robert Olivétan, em cujo Novo Testamento Francês (1535) Calvino escreveu um prefácio intitulado “A todos os que amam a Jesus Cristo e a seu evangelho”. Esse

¹⁵ *Tracts and Treatises*, I, p. 62; OS 1, PP. 484-485.

foi seu primeiro trabalho publicado como protestante. De um fato podemos estar certos: Calvino não abraçou o novo evangelho de maneira rápida ou fácil.

Contrariado com a novidade, eu ouvia com muita má vontade e, no início, confesso, resisti com energia e irritação; porque (tal é a firmeza ou descaramento com os quais é natural aos homens persistir no caminho que outrora tomaram) foi com a maior dificuldade que fui induzido a confessar que, por toda minha vida, eu estivera na ignorância e no erro.¹⁶

Em 1555, 20 anos depois do ocorrido, Calvino recordou sua conversão e escreveu sobre ela no prefácio de seu *Comentário sobre os Salmos*. Visto ser a mais explícita referência de Calvino a esse fato crucial, vamos citá-la aqui por inteiro:

Minha mente, que a despeito da minha juventude, estivera por demais empedernida em tais assuntos, agora estava preparada para uma atenção séria. Por uma súbita conversão, Deus transformou-a e trouxe-a à docilidade. Tendo, portanto, recebido um pouco de experiência e conhecimento da verdadeira piedade, fui repentinamente inflamado com tamanho desejo de prosseguir, que, mesmo abandonando os outros estudos completamente, ainda assim dediquei-me a eles mais negligentemente. Mas fiquei completamente maravilhado porque, antes que um ano se passasse, todos os que ansiavam pela pura doutrina vinham vez após outra até mim para aprendê-la. Mesmo eu tendo mal começado a estudá-la.

De minha parte, tendo uma natureza um tanto indelicada e retraída, sempre desejava paz e tranquilidade. Então comecei a procurar algum esconderijo e uma forma de afastar-me das pessoas. Mas, longe de atingirem o desejo de meu coração, todos os retiros e lugares de escape tornaram-se como que escolas públicas para mim. Em resumo, apesar de sempre acalentar o objetivo de viver na privacidade, incógnito, Deus levou-me de tal forma que me fez mudar de tais maneiras diversas, que nunca me deixou em paz em lugar algum, até que, a despeito de minha disposição natural, colocou-me no centro das atenções. Deixando minha França natal, parti para a Alemanha com o expreso propósito de poder viver em paz em algum canto desconhecido, como sempre desejei.¹⁷

Três importantes tendências da piedade e da personalidade de Calvino são evidentes nessa recordação reveladora: Em primeiro lugar, via sua conversão como o resultado da iniciativa divina: “Deus mudou meu

¹⁶ *Tracts and Treatises*, I, p. 62; OS 1, p. 485.

¹⁷ Essa é uma tradução feita por Ford L. Battles, impressa na introdução de sua tradução da Instituição da Religião Cristã de 1536 – *Institution of the Christian Religion* (Atlanta: John Knox Press, 1975), pp. xxiii-xxiv. A tradução de Battles foi reimpressa por Eerdmans (1986) como *Institutes of the Christian Religion: 1536 Edition*. AS citações subsequentes serão dessa última impressão.

coração”. Talvez fosse essa a verdadeira intenção por trás da sua descrição da mudança como “repentina” – não tendo uma ocorrência rápida como um relâmpago (embora possa ter sido assim, também), quando uma sensação de ser completamente dominado pela graça de Deus. Calvino não tinha ilusões de que poderia ter conseguido uma relação adequada com Deus sem uma prévia “mudança” da parte de Deus. “Eu permanecia tão obstinadamente entregue às superstições do papado, que teria sido muito difícil arrancar-me de tão profundo lamaçal”, ele observou.¹⁸ “Eu não fiz nada, a Palavra fez tudo”. A experiência de Calvino ecoava a de Lutero. Aqui, também, estão as raízes experimentais da tão discutida doutrina da predestinação. Como veremos, a visão de Calvino sobre a eleição só pode ser entendida no contexto de uma apropriação particular da salvação por meio de Jesus Cristo.

Um segundo tema no enfoque de Calvino à fé surge do comentário de que Deus sujeitou seu coração à docilidade. Essa palavra, *docilitas*, poderia também ser traduzida por *educabilidade*. Há um sentido em que Calvino aspirava a ser nada mais do que um discípulo fiel de Jesus Cristo, discípulo em seu significado etimológico (do latim *disco*, aprender) de aprendiz, alguém que é capaz de ser ensinado. Esse tema ressoa ao longo de seus escritos sobre a vida cristã. Para Calvino, a verdadeira piedade não consistia num medo servil de um Deus todo-poderoso, mas sim “num sentimento sincero que ama a Deus como Pai, tanto quanto o reverencia como Senhor”. A evidência de tal piedade era precisamente uma disposição para tornar-se dócil, educável diante do verdadeiro Deus. “Quem quer que tenha sido dotado dessa piedade não ousa modelar de sua própria imprudência qualquer deus para si mesmo. Antes, busca para si mesmo o

¹⁸ CO 31, col. 22: “Ad primo quidem, quum superstionibus papatus, magis pertinaciter addictus essem, quam ut facile esset e tam profundo luto me extrahi, animum meum, qui pro aetate nimis obduruerat subita conversione and docilitatem subegit”. Em seu comentário sobre *De Clementia*, de Sêneca, Calvino observou que “*subita* significa não apenas ‘súbito’, mas também ‘não-premeditado’”. Cf. Battles e Hugo, *Commentary on De Clementia*, pp. 56s.

conhecimento do Deus verdadeiro, e concebe-o apenas como ele se mostra e declara ser”.¹⁹ Significativamente, essa definição deriva do *Catecismo* apresentado por Calvino em 1537, um documento destinado à instrução de crianças na fé. Mais tarde, em seu *Comentário de Atos* (18.22), ele disse que não pode haver nenhuma *pietas* sem uma instrução verdadeira, como o nome *discípulos* indica. “A religião verdadeira e a adoração de Deus”, ele dizia, “provém da fé, de modo que ninguém serve devidamente a Deus senão aquele que foi educado em sua escola”.²⁰

Ao longo de toda a descrição de sua conversão, Calvino declarou sua natureza tímida e retraída, o desejo de viver em reclusão para estudos, “em paz em algum canto desconhecido”. Não compreenderemos a pessoa de Calvino se não levarmos em conta essa reticência, essa relutância genuína em entrar na frente de batalha. Nesse sentido, ele diferia dos outros dois grandes reformadores que já examinamos. Lutero foi feito para o papel, um verdadeiro vulcão de personalidade explodindo em Worms: “Aqui permaneço!”. Zuínglio também foi uma pessoa de ação; afinal, ele morreu em batalha brandindo a espada de dois gumes! Mas Calvino era diferente. Tímido a ponto de ser insociável, ele não se sairia bem numa conversa fiada numa festa moderna. Ele teve que ser puxado, esperneando e gritando, por assim dizer, para as fileiras dos reformadores. Contudo, o mesmo Deus que submetera seu coração à educabilidade também firmou seus nervos para as importantíssimas tarefas que estavam diante dele.

A Vocação de Calvino

Em 1533, no Dia de Todos os Santos, exatamente 16 anos depois que Lutero colocou as famosas teses contra as indulgências na porta da igreja de Wittenberg, Nicolas Cop, amigo de Calvino e reitor da Universidade de

¹⁹ OS 1, p. 379. Cf. *Instruction in Faith* (Filadelfia: Westminster Press, 1949), p. 19.

²⁰ CO 32, col. 249; CNTC 7, p. 142. Veja Ford L. Battles, *The Piety of John Calvin* (Grand Rapids: Baker Book House, 1978), pp. 13-26.

Paris, fez um discurso numa assembléia que chocou os ouvintes. Mesmo não sendo o que chamaríamos de um sermão evangélico caloroso, tinha conteúdo evangélico suficiente para insultar os defensores da ortodoxia católica. No Dia de Todos os Santos, Cop não louvou aos santos; antes, proclamou a Cristo como o único mediador com Deus. Cop foi obrigado a fugir para continuar vivo.

Calvino também estava envolvido nesse fato. De acordo com uma antiga lenda, ele escapou de Paris no momento exato, com seus amigos baixando-o de uma janela, com lençóis, enquanto a polícia batia à porta - sombras da fuga apressada de Paulo de Damasco, num cesto!²¹ Os escritos de Calvino foram confiscados; daí em diante, ele tornou-se *persona non grata* em Paris. Por volta de um ano depois do discurso de Cop, alguns dos protestantes mais maduros de Paris decidiram fazer uma demonstração surpreendente e radical de sua fé. Um ataque ardoroso à missa e seus adornos - "o toque dos sinos, as unções, os cânticos, os cerimoniais, as velas, os incensos, os véus e tais espécies de bufonarias" - foi imprimido num cartaz afixado por toda a cidade. Um deles até apareceu, misteriosamente, na porta do quarto do Rei Francisco I. Na Alemanha, Lutero havia lançado a Reforma atacando as indulgências, um aspecto central do sacramento da penitência no final da Idade Média. A reforma francesa começou com um ataque frontal aos "horríveis, enormes e intoleráveis abusos da missa papal", como dizia o título dos cartazes.²² Agora, as forças da perseguição estavam lançadas contra os evangélicos franceses. Calvino deixou o país apressado e encontrou refúgio na cidade reformada de Basileia, o lar de Cop, que já se encontrava lá.

²¹ Emanuel Strickelberger, em *Calvin: A Life* (Richmond: John Knox Press, 1954), p. 22, dá crédito a esse relato.

²² O texto dos cartazes de 1534 foi traduzido por Ford L. Battles, aparecendo como "Apêndice I" em sua edição das *Institutas* em 1536, pp. 339-342.

Erasmus também estava vivendo em Basileia nessa época. Velho e doente, o maior dos humanistas havia retornado à sua cidade favorita para passar seus últimos dias na terra. Erasmus faleceu em Basileia, em junho de 1536, três meses depois da publicação da primeira edição das *Institutas* de Calvino, na mesma cidade. Com Erasmus, morreram seus sonhos de paz e aprendizado universais, suas esperanças de que um reavivamento das letras poderia iniciar uma "era de ouro" da Reforma. Logo no ano seguinte, em 1537, a Inquisição espanhola proibiu a leitura das obras de Erasmus. Alguns anos depois, em 1542, os livros de João Calvino, dentre os quais suas *Institutas*, também foram declarados como fora dos limites para os bons cristãos, sendo cerimoniosamente queimados diante da Catedral de Notre Dame, em Paris. Erasmus e Calvino, em Basileia, significavam a intersecção de duas eras. Calvino havia aprendido muito desse grande estudioso, principalmente a estudar as Escrituras. Calvino não deixou de ser humanista depois de transformar-se num reformador. Mas sua conversão e imersão nas fontes bíblicas e patrísticas conduziram-no por um caminho muito diferente daquele trilhado por Erasmus. O caminho de Calvino estava bem mais próximo, porém mesmo assim distinto, do velho adversário de Erasmus em Wittenberg.

Calvino não causou grande furor em Basileia: "Fiquei ali escondido, por assim dizer, e pouquíssimas pessoas me conheciam". Mas ele não estava desocupado. O fruto de seu trabalho saiu das prensas do editor Thomas Platter em março de 1536. Chamava-se, para dar o título completo:

O Ensino Básico da Religião Cristã, compreendendo quase a soma total da piedade e do que é necessário conhecer sobre a doutrina da salvação. Um trabalho recém publicado que muito merece ser lido por todos os que estudam a piedade. Um prefácio ao mais cristão rei da França, oferecendo a ele este livro como uma confissão de fé do autor, Jean Calvin de Noyon.²³

²³ OS 1, p. 1. A tradução é a de T. H. L. Parker, *John Calvin: A Biography* (Londres: Dent and Sons, 1975), p. 34.

"Um trabalho [...] que muito merece ser lido" (*Lectu dignissimum opus*) era uma publicidade modesta de um livro destinado a tornar-se o principal documento da teologia protestante do século XVI. Diferentemente do primeiro livro de Calvino sobre Sêneca, as *Institutas* tornaram-se um *bestseller* quase da noite para o dia. A primeira edição, "apenas um pequeno livreto", como Calvino certa vez a descreveu, era miúda o bastante para ser escondida dentro do casaco ou secretamente ocultada entre os pertences de alguém. Assim, vendedores ambulantes e mercadores evangélicos levaram-na por toda a Europa.

O que justifica o impressionante sucesso das *Institutas*? Podemos responder a essa pergunta em parte indicando duas funções distintas para as quais a obra serviu. Em primeiro lugar, era um poderoso tratado para aquele tempo. Como Calvino disse na epístola preliminar a Francisco I, originariamente, ele não pretendia dirigir esse trabalho ao rei. A princípio, Calvino planejara que o livro fosse um tipo de cartilha de teologia básica para "os camponeses da França, muitos dos quais vi que tinham fome e sede de Cristo".²⁴ Contudo, a perseguição interveniente aos protestantes franceses movera Calvino a apresentar o caso dos companheiros cristãos ao rei, na esperança de que ele pudesse adotar uma atitude mais moderada. Calvino lamentava que "a pobre e pequena igreja tenha sido devastada por cruel carnificina ou banida para o exílio". Sua própria terra natal tornara-se "como um inferno" para ele, conforme expressou numa carta a um amigo, alguns anos depois. Ele tentou livrar os evangélicos franceses das acusações de sedição e cisma - não eram sectários inclinados a derrubar a ordem, mas cidadãos honestos que desejavam apenas restaurar a pureza do evangelho. O que mais estava em jogo era - essa a idéia fundamental de toda a teologia de Calvino - "Como a glória de Deus pode ser mantida a salvo na terra [...] como o reino de Cristo pode ser conservado em bom

²⁴ *Institutas* de 1536, p. 1; OS 1, p. 21.

estado entre nós".²⁵ Ao longo de toda a carta, Calvino foi educado e respeitoso para com o rei. Mas a oração final está repleta de todo o estrondo de Elias: se Francisco não emendasse seus caminhos, então no devido tempo o Senhor certamente apareceria, "avançando armado para libertar os pobres de sua aflição e também punir seus detratores".²⁶ Sem o saber, Calvino lançara a primeira saraivada na batalha de palavras que, no fim, levaria às sangrentas guerras religiosas na França.

O propósito básico das *Institutas*, porém, era catequético. Desde a época de sua conversão, Calvino fora pressionado a atuar como professor daqueles que estavam famintos pela fé verdadeira. Ainda hoje se pode ver uma caverna perto da cidade de Poitiers onde se diz que Calvino havia ministrado aos necessitados de uma congregação (literalmente!) subterrânea. Ele sabia, de primeira mão, 'a necessidade urgente de um manual de instrução claramente escrito, que apresentasse os rudimentos de uma teologia bíblica e levasse os jovens cristãos a uma maior compreensão da fé. Era o tempo para tal livro. Outros reformadores haviam tentado fazer algo parecido, mas com sucesso limitado. Melanchthon publicou pela primeira vez Lugares Comuns em 1521; Zuínglio apresentou o Comentário sobre a Religião Verdadeira e a Falsa em 1525. FareI havia até mesmo escrito um Sumário de teologia evangélica em francês, publicado em 1534. Cada um desses trabalhos tinha seus pontos fortes, mas não conseguia suprir as necessidades que as *Institutas* satisfizeram.

Retomaremos à história das *Institutas* que cresceram, através de muitas revisões, daquele modesto "pequeno livreto" de 1536 a um enorme tomo e tesouro da dogmática protestante, na edição definitiva de 1559. Seis breves capítulos constituíam a primeira edição. O capítulo 1, "Sobre a Lei", era basicamente uma exposição dos dez mandamentos. O capítulo 2 tratava

²⁵ *Institutas* de 1536, p. 3; OS 1, p. 23.

²⁶ *Institutas* de 1536, p. 19; OS 1, p. 36.

da fé e abrangia um comentário sobre o Credo dos Apóstolos. Nesse contexto, a doutrina da predestinação era apresentada; mas apenas numa forma superficial e não-polêmica. O capítulo 3, sobre a oração, continha a primeira exegese de Calvino sobre o pai-nosso. O capítulo 4 abordava os sacramentos, com o que ele queria dizer o batismo e a ceia do Senhor. O capítulo 5 era a refutação dos "cinco sacramentos falsos", enquanto o capítulo 6 concentrava-se em três temas: a liberdade cristã, a política da igreja e o governo civil. A seqüência dos tópicos é a mesma usada por Lutero em seus catecismos, que Calvino pode ter copiado deliberadamente. Para o trecho sobre a oração, Calvino devia bastante à discussão de Martin Bucer acerca do pai-nosso, em Comentário dos Evangelhos (1530). No todo, porém, Calvino apresentou mais claramente e de maneira mais magistral do que qualquer um antes dele os elementos essenciais da teologia protestante.

Talvez modestamente demais, Calvino disse que, quando as *Institutas* foram publicadas em Basileia, ninguém sabia que ele era o autor. A primeira edição, no entanto, esgotou-se em apenas um ano. O tímido e jovem erudito tomou-se cada vez mais conhecido como um ativo proponente da Reforma. Por sua vez, isso levou ao que, depois da conversão, foi o evento central da vida de Calvino.

No verão de 1536, Calvino, com seu irmão Antoine e sua meia-irmã Marie, viajava de Paris para Estrasburgo, onde esperava estabelecer-se para seu antigo desejo de descanso e estudo. Entretanto, os exércitos de Francisco I e do Imperador Carlos V estavam envolvidos em manobras militares que exigiram que a pequena caravana de Calvino desviasse para o sul. Assim, chegaram à cidade de Genebra, situada nas fronteiras entre França, Savóia e Suíça. Calvino não teve boa impressão da cidade e planejou ficar apenas uma noite. Pouco antes, Guillaume Farel havia levado a cidade a abraçar a Reforma; numa assembléia pública, em 25 de

maio do mesmo ano, os moradores de Genebra haviam votado unanimemente por "viver de agora em diante de acordo com a lei do evangelho e com a Palavra de Deus e abolir todos os abusos papais".²⁷ Ainda assim, o verdadeiro trabalho de reforma mal havia começado.

FareI, tendo sido informado de que Calvino estava na cidade, irrompeu em seu quarto de hotel e implorou a ele que ficasse em Genebra e ajudasse a completar a recém-conquistada Reforma. Calvino ficou sinceramente chocado com a idéia e protestou dizendo não estar bem preparado para uma tarefa assim. Ele poderia edificar melhor a igreja estudando e escrevendo em paz. "O ponto mais alto de meus desejos", ele escreveu mais tarde ao Cardeal Sadolet, "era aproveitar a tranqüilidade literária, com algo como um cargo livre e respeitável."²⁸ Dêem-me apenas um canto isolado na biblioteca e deixem o resto do mundo prosseguir! FareI, entretanto, não se intimidou com a pobre desculpa daquele jovem. Com seus olhos flamejantes e sua temível barba ruiva, FareI trovejou a maldição de Deus sobre Calvino em palavras que ele nunca poderia esquecer:

A essa altura, FareI (Ardendo com um zelo assombroso pela proclamação do evangelho) repentinamente uniu todos os seus esforços para manter-me ali. Depois de ouvir que eu estava decidido a prosseguir meus próprios estudos particulares - Quando percebeu que não chegaria a lugar algum com súplicas - chegou a ponto de amaldiçoar-me: Que agradaria a Deus amaldiçoar meu lazer e a tranqüilidade para meus estudos que eu estava buscando, se em tão grave emergência eu me retirasse e me recusasse a prestar auxílio e socorro? Essa palavra arrasou-me tanto, que desisti da viagem que havia começado.²⁹

A partir daquele momento, o destino de Calvino estava ligado ao de Genebra. Em suas primeiras cartas depois de seu chamado, ele se referia a si mesmo como "leitor das Sagradas Escrituras à igreja de Genebra". Mesmo tendo assumido diversas outras tarefas ao longo dos anos, sua

²⁷ Citado de William Monter, *Calvin's Geneva* (Nova Iorque: John Wiley and Sons, 1967), p. 56.

²⁸ *Calvin: Theological Treatises*, p. 225: "nempe ut otio literario cum honesta aliqua ingenuaque conditione fruerer". OS 1, p. 461.

²⁹ Battles, p. 33; CO 31, col. 26.

vocação básica permaneceu a de pastor e de mestre. É importante ressaltar que Calvino nunca se sentiu à vontade em Genebra. Na primeira menção feita a ele nos registros do conselho da cidade, Calvino é referido como "ille Gallus - aquele francês"! Ele tornou-se cidadão de Genebra em 1559, apenas cinco anos antes de sua morte. Até hoje, os suíços são famosos por seu esnobismo e provincianismo, principalmente os de Genebra. Por exemplo, L' Eglise protestante nationale refere-se não ao corpo nacional da igreja da Suíça, a Igreja Reformada Suíça, mas sim à igreja do cantão de Genebra. A primeira estadia de Calvino em Genebra durou menos de dois anos. Ele realizou coisas importantes - seu primeiro catecismo e uma confissão de fé foram adotados - mas o conflito com o conselho sobre a disciplina adequada da igreja levou a uma crise. Em abril de 1538, Calvino e FareI foram expulsos da cidade. Após outra breve estada em Basileia, Calvino foi persuadido a mudar-se para Estrasburgo, para onde havia sido conduzido antes de ser abordado, por assim dizer, pelo inflamado FareI.

Calvino passou três anos em Estrasburgo, e sem dúvida aqueles dias foram os mais felizes de sua vida. Foram também, talvez, os anos mais decisivos para seu desenvolvimento como reformador e teólogo. Observemos cinco dimensões de sua vida durante esse período crucial.

Em primeiro lugar, Calvino era um pastor. Naquela época, Estrasburgo não pertencia à França, mas era uma cidade imperial livre do Sacro Império Romano. Contudo, estava suficientemente perto da França para atrair um considerável número de refugiados franceses, os quais procuravam asilo da perseguição em sua terra natal. Calvino foi chamado como pastor da *ecclesiola Gallicana*, a pequena congregação francesa, que se reunia na igreja de S. Nicolau. Ali, Calvino celebrava o sacramento da ceia do Senhor e ocupava-se dos vários pormenores de seu ministério pastoral. Ele refletiu seriamente acerca do papel da adoração na igreja e traduziu vários salmos para a métrica francesa. Assim começou o canto

congregacional dos salmos, o que se tornou parte integrante do culto reformado francês. Um refugiado que visitou a igreja de Calvino fez a seguinte descrição do culto:

Todos cantam, homens e mulheres, e é um belo espetáculo. Cada um tem um livro de cânticos nas mãos. [...] Olhando para esse pequeno grupo de exilados, chorei, não de tristeza, mas de alegria, por ouvi-los todos cantando tão sinceramente, enquanto cantavam agradecendo a Deus por tê-los levado a um lugar onde seu nome é glorificado.³⁰

Calvino deve ter tido em mente cenas como essa quando declarou, posteriormente, que "nós sabemos por experiência que o canto tem grande poder e vigor para mover e inflamar os corações dos homens, a fim de invocar e louvar a Deus com zelo mais veemente e ardente".³¹

Em segundo lugar, Calvino era um professor. John Sturm, também francês e erudito da Universidade de Paris, havia organizado uma escola em Estrasburgo para a qual Calvino foi indicado como "conferencista das Sagradas Escrituras". Ali, Calvino dava palestras três vezes por semana, oferecendo cursos exegéticos acerca do evangelho de João e das epístolas paulinas. Ele também pregava quatro sermões por semana a sua congregação. O currículo da escola de Sturm, com sua forte ênfase na literatura clássica, tornou-se um modelo para a escola de Calvino, em Genebra. No início, pagavam a Calvino apenas um florim semanal por suas palestras. Ele complementava sua renda dando aulas particulares, recebendo pensionistas, advogando nas horas vagas e, o que mais deve tê-lo feito sofrer, vendendo algo de sua preciosa biblioteca. Ele se queixava do alto custo de vida em Estrasburgo: "Não consigo chamar de meu um único centavo. É impressionante como o dinheiro some em despesas adicionais".³²

³⁰ Parker, p. 69.

³¹ Esse trecho é do prefácio ao Saltério de Calvino de 1542. Cf. McNeill, *History and Character*, p. 148.

³² Parker, p. 69.

Em terceiro lugar, Calvino era um escritor. Sua publicação mais importante foi uma edição totalmente revisada das *Institutas*, a qual surgiu em agosto de 1539. Era aproximadamente três vezes mais longa que a versão de 1536. Seu propósito expresso era "preparar e treinar estudantes de teologia para o estudo da Palavra divina, a fim de que possam ter fácil acesso a ela e manter-se nela sem tropeçar".³³ Em 1541, publicou-se a primeira tradução francesa das *Institutas*. Foi um marco no desenvolvimento da língua francesa, comparável em seu efeito à Bíblia de Lutero em alemão ou à Versão Autorizada em inglês. Também em 1539, Calvino publicou seu *Comentário sobre Romanos*, uma abordagem magistral do que para ele, não menos do que para Lutero, era o mais importante livro da Bíblia. Esse foi o primeiro dos comentários bíblicos de Calvino; no final, ele publicou comentários sobre a maioria dos livros do Antigo Testamento e acerca de cada livro do Novo Testamento, exceto Apocalipse e 2 e 3 João.³⁴

Devemos mencionar três breves mas brilhantes trabalhos que Calvino escreveu durante esses anos. Um foi a resposta ao Cardeal Jacopo Sadoletto, um prelado católico de mente reformadora que escrevera à igreja de Genebra tentando ganhá-la de volta para Roma. A *Réplica a Sadoletto* de Calvino é um *tour de force* literário, talvez a melhor apologia da fé reformada escrita no século XVI. Ele também publicou um livro de liturgia, *A Forma das Orações e Hinos Eclesiásticos*, que teria um efeito duradouro sobre a adoração reformada. O *Pequeno Tratado sobre a Santa Ceia* foi o primeiro esforço respeitado de Calvino por estabelecer uma posição intermediária entre os extremos luteranos e zuinglianos acerca da Eucaristia. Se Calvino tivesse falecido em 1541 na idade madura de 32

³³ *Ibid.*, p. 72; OS 1, pp. 25-256.

³⁴ A mais recente edição crítica do *Comentário sobre Romanos* foi publicada por T. H. L. Parker, *Iohannes Calvini Commentarius in Epistolam Pauli ad Romanos* (Leiden: E. J. Brill, 1981). Veja também T. H. L. Parker, *Calvin's New Testament Commentaries* (Londres: SCM Press, 1971) e *Calvin's Old Testament Commentaries* (Edimburgo: T. and T. Clark, 1986).

anos, ainda assim ele seria reverenciado hoje como um dos maiores teólogos e um dos mais hábeis escritores entre os reformadores.

Em quarto lugar, Calvino era um estadista da igreja. Bucer e Wolfgang Capito, reformadores de Estrasburgo, tentaram desesperadamente emendar o cisma entre os protestantes da Alemanha e os da Suíça. Eles também participaram de uma série de conferências com o objetivo de voltar a unir protestantes e católicos. A unidade ainda parecia possível em 1540, já que o Concílio de Trento não havia sido convocado nem as selvagens guerras religiosas tinham mostrado suas baixas. Calvino esteve envolvido em muitas dessas discussões. Ele viajou para Frankfurt, Hagenau e Worms como um tipo de conselheiro das delegações protestantes em tais conferências interconfessionais. Numa delas, encontrou Philip Melanchthon, com quem iniciou uma amizade que duraria a vida inteira. A verdadeira importância desses encontros, para Calvino, foi a visão universal da igreja que lhe foi confirmada. Ele lamentava o caráter fragmentado da cristandade: "Entre os maiores males de nosso século deve ser contado o fato de que as igrejas encontram-se tão divididas entre si e de que mal há um relacionamento humano entre nós".³⁵ Calvino não estava disposto a comprometer pontos essenciais em favor de uma paz falsa, mas ele tentou chamar a igreja de volta à verdadeira base de sua unidade em Jesus Cristo.

Em quinto lugar, em Estrasburgo Calvino tomou-se um marido. Sem dúvida Calvino era um bom partido na cidade. Bucer, o casamenteiro entre os reformadores, tentou várias vezes conseguir uma noiva adequada para o jovem pastor. Uma das pretendentes não falava nada de francês. Visto que Calvino não sabia alemão, concluiu-se que haveria um problema de

³⁵ Calvino para o Arcebispo Cranmer: CO 14, col. 313. q. Jean Cadier, "Calvin and the Union of the Churches", in: *John Calvin: A Collection of Essays*, ed. G. E. Duffield (Grand Rapids: Eerdmans, 1966), pp. 118-130.

comunicação. Numa carta a Farel, Calvino descreveu o que ele realmente desejava numa esposa:

Eu não sou do tipo selvagem de amante que, ao ver pela primeira vez uma bela figura, aceita todos os defeitos de sua amada. Eis a única beleza que me seduz, se ela é casta, nem muito atraente nem muito desdenhosa, se é econômica, se é paciente, se há esperanças de que venha a interessar-se por minha saúde.³⁶

Como observou uma de minhas alunas, com esse tipo de receita, foi uma surpresa ele ter encontrado uma esposa! De fato, ele desposou uma de suas próprias paroquianas, Idelette de Bure, a viúva de um anabatista francês convertida à fé reformada pelo próprio Calvino. Ela foi descrita por Farel, que realizou o casamento, como uma mulher "íntegra e honesta" e "até bonita".³⁷

Gostaríamos de saber mais acerca da vida familiar no lar de Calvino; contudo, mais uma vez, muito disso está oculto por trás do véu da reticência. Podemos supor que o relacionamento entre Calvino e Idelette não foi um ardoroso caso de amor como o de Abelardo e Heloísa, nem mesmo talvez uma satisfação jovial como o de Lutero e Katie. Mas também não foi o acordo estóico e sem relações sexuais muitas vezes retratado pelos detratores de Calvino. Idelette deu a Calvino apenas um filho, um menino de nome Jacques, que nasceu prematuramente e morreu quando ainda bebê. Obtemos um vislumbre da dor de Calvino numa carta que escreveu a seu amigo Pierre Viret: "Certamente, na morte de nosso filho amado o Senhor afligiu-nos com uma profunda e dolorosa ferida. Mas ele é nosso Pai: ele sabe o que é melhor para seus filhos".³⁸ Quando a própria Idelette faleceu, em 1549, Calvino novamente escreveu para Viret: "Você conhece a ternura, ou melhor, a doçura de minha alma. [...] A razão de minha tristeza não é comum. Fui privado de minha excelente companhia na

³⁶ Jules Bonnet, ed., *Letters of John Calvin* (Nova Iorque: Burt Franklin, 1972; edição original, 1858), I, p. 141.

³⁷ A. L. Herminjard, ed., *Correspondence des Réformateurs dans les pays de langue française* (Genebra e Paris: 1866-1897), VI, p. 285.

³⁸ *Ibid.*, VIII, p. 109.

vida, a qual, se alguma desventura tivesse ocorrido, teria sido minha companheira voluntária não só no exílio e na aflição, mas até na morte" .³⁹ Calvino viveu por mais 15 anos após a morte de Idelette; contudo, não devemos imaginar que mesmo então sua vida ficou livre dos tumultos e aborrecimentos da vida doméstica diária. Idelette deixou duas crianças de seu primeiro casamento, a quem Calvino continuou a propiciar um cuidado solícito, conforme prometera à esposa em seu leito de morte. Além disso, Antonie, irmão de Calvino, e sua família - ele tinha oito filhos de duas esposas, sendo que da primeira ele se divorciou por causa de seu adultério com um servo - juntamente com vários outros amigos e parentes, partilhavam da modesta moradia do reformador no número onze da Rue des Chanoines, em Genebra. Na maior parte de sua vida, a casa de Calvino esteve cheia de crianças pequenas. Como um dos biógrafos sabiamente observou, "sem dúvida as mulheres protegiam ele e as crianças uns dos outros". Ainda assim, é sensato perceber que as Institutas e os comentários de Calvino e seus muitos tratados e sermões não foram "escritos numa torre de marfim, mas contra um contexto tumultuado" .⁴⁰

Quando o povo de Genebra implorou a Calvino que voltasse à igreja deles, onde as coisas tinham ido de mal a pior, ele contestou. Calvino preferia a feliz situação em Estrasburgo ao perigoso "abismo e redemoinho" que ele havia deixado três anos antes, "aquela cruz na qual eu tinha de morrer mil vezes a cada dia" .⁴¹ Mas não foi precisamente isso o que Jesus prometera a seus seguidores - uma cruz? O consenso entre os amigos de Calvino era de que ele deveria retomar. Desta vez, Bucer levantou o tema do julgamento divino: se você se recusar a retomar seu ministério, estará agindo como Jonas, que tentou fugir de Deus!⁴²

³⁹ CO 13, col. 230. Citado parcialmente em Stauffer, p. 45.

⁴⁰ T. H. L. Parker, *Calvin: A Portrait* (Londres: SCM, 1954), p. 72.

⁴¹ Herminjard, VI, pp. 199, 325-326.

⁴² Assim Beza relatou em seu "Life of Calvin". *Tracts and Treatises*, I, p. lxxv.

Totalmente persuadido a voltar, Calvino reentrou em Genebra em 13 de setembro de 1541. O restante de sua carreira como reformador foi simbolizado pelos dois atos oficiais que ele realizou ao retomar. Um foi apresentar ao conselho da cidade um plano detalhado para a ordem e o governo da igreja. Estas *Ordenanças Eclesiásticas* exigiam o estabelecimento dos quatro ofícios de pastor, doutor (professor), ancião e diácono, que correspondiam a doutrina, educação, disciplina e serviço social.⁴³ O conselho aprovou o plano de Calvino, mas ele passou o resto de sua carreira tentando, nunca com sucesso absoluto, assegurar sua execução.

O outro ato de Calvino também foi de importância decisiva. No primeiro domingo após seu retorno, ele subiu ao púlpito da Catedral de São Pedro. A grande catedral gótica estava abarrotada de genebreses curiosos, que esperavam ouvir um Calvino exultante açoitando seus oponentes, os quais o haviam tirado da cidade, e lançando um inflamado sermão do tipo "eu-os-avisei" à assembléia inteira. Numa carta a Farel, Calvino contou o que fez: "Depois de um prefácio, continuei com a exposição de onde havia parado - com o que mostrei que havia interrompido meu ofício de pregador durante algum tempo, e não que tinha desistido dele inteiramente".⁴⁴ Nada poderia ter sido menos impressionante ou mais eficaz. Calvino simplesmente começou de onde tinha parado três anos antes, no mesmo capítulo e versículo do livro da Bíblia (não sabemos qual era, nem isso importa) que estava pregando. Dessa forma, Calvino demonstrou que ele pretendia que sua vida e sua teologia não fossem um recurso de sua própria criação, mas um testemunho responsável da Palavra de Deus.

⁴³ Karl Holl, *Johannes Calvin* (Tübingen: J. C. B. Mohr, 1909), p. 12: "Wenn Calvin die vier Aemter der Pastoren, Lehrer, Aeltesten, Diakonen aus dem Neuen Testament übernahm, so fand er in ihnen zugleich die Funktionen der Kirche ausgedrückt, die er für konstitutiv hielt: Lehre, Zucht, Jugendunterricht und soziale Fürsorge".

⁴⁴ CO 3, p. xxxiii.